



Adoção e infertilidade em mulheres do Brasil: Contribuições da avaliação psicológica

Nicole Medeiros Guimarães¹

Universidade de São Paulo – USP e Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo – TJSP, Ribeirão Preto-SP, Brasil

Sônia Regina Pasian

Universidade de São Paulo – USP, Ribeirão Preto-SP, Brasil

RESUMO

No Brasil, a adoção exige processo judicial de habilitação, incluindo avaliação psicológica. Este trabalho descreve e compara características de personalidade de mulheres habilitadas judicialmente para adotar ou que exerciam maternidade adotiva, comparativamente a mães biológicas. Participaram 60 mulheres voluntárias (Estado de São Paulo, Brasil), 30-50 anos, união conjugal, escolaridade média/superior, das quais 40 não tinham filhos biológicos (com infertilidade) e 20 mães biológicas. Responderam, individualmente, à bateria de instrumentos de avaliação psicológica voltada ao campo da personalidade, focalizando-se neste trabalho o Método de Rorschach (Escola de Paris), cujos resultados foram analisados descritiva e inferencialmente, identificando-se similaridade nos indicadores, com desempenho compatível ao padrão normativo de adultos do Brasil. Os achados apontaram que mulheres que aguardavam ou exerciam a maternidade adotiva apresentaram adequados recursos psicodinâmicos correspondentes ao esperado para pretendentes à adoção, sugerindo validade ecológica ao processo de avaliação psicológica realizado no contexto judicial.

Palavras-chave: adoção; maternidade; infertilidade; métodos projetivos.

ABSTRACT – Adoption and infertility in Brazilian women: Contributions of psychological assessment

In Brazil, the adoption process requires judicial qualification, including a psychological assessment. This study describes and compares the personality characteristics of women legally qualified to adopt or who had already become adoptive mothers, with those of biological mothers. The participants were 60 female volunteers (State of São Paulo, Brazil), aged 30-50, in a marital union, with high school level education. Of these, 40 were infertile and did not have biological children, and 20 were biological mothers. They completed an individual battery of psychological assessment instruments covering personality, with the focus of this study on the Rorschach Method (Paris School). The results were analyzed descriptively and inferentially, revealing similarity in the indicators, with performance compatible with the normative standard for Brazilian adults. The findings demonstrated that women waiting to adopt or who were adoptive mothers had adequate psychodynamic resources, as expected of prospective adopters, suggesting ecological validity for the psychological assessment process conducted in the judicial context.

Keywords: adoption; motherhood; infertility; projective methods.

RESUMEN – Adopción e infertilidad en mujeres brasileñas: Contribuciones de la evaluación psicológica

En Brasil, la adopción requiere un proceso de habilitación judicial, que incluye una evaluación psicológica. Este estudio describe y compara las características de personalidad de las mujeres legalmente habilitadas para adoptar o que ejercieron la maternidad adoptiva, en comparación con las madres biológicas. Participaron 60 mujeres voluntarias (Estado de São Paulo, Brasil), con edad entre 30 y 50 años, en unión marital, con educación media superior, 40 de las cuales no tenían hijos biológicos (con infertilidad) y 20 eran madres biológicas. Respondieron individualmente a una batería de instrumentos de evaluación psicológica dirigidos al campo de la personalidad, centrándose en este estudio en el Método Rorschach (Escuela de París), cuyos resultados fueron analizados descriptiva e inferencialmente, identificándose similitudes en los indicadores, con desempeño compatible con el estándar normativo para adultos en Brasil. Los resultados mostraron que las mujeres que esperaban o ejercían la maternidad adoptiva presentaban recursos psicodinámicos correspondientes a lo esperado de las futuras adoptantes, sugiriendo validez ecológica al proceso de evaluación psicológica realizado en el contexto judicial.

Palabras clave: adopción; maternidad; infertilidad; métodos proyectivos.

A adoção é o meio pelo qual se busca oferecer um ambiente favorável ao desenvolvimento de crianças e adolescentes que, por motivos diversos, restaram privadas do convívio com sua família biológica. Tal medida traz consigo o pressuposto de que toda criança e adolescente

tem direito ao convívio familiar e que, caso seus parentes consanguíneos não consigam ou não queiram desempenhar tal função, ocorre a intervenção do Estado para encaminhá-la a uma nova família. Nesse contexto, a adoção possui, antes de tudo, o objetivo de atender às reais

¹ Endereço para correspondência: Avenida Bandeirantes, 3900, Vila Monte Alegre, 14049-901, Ribeirão Preto, SP. E-mail: nmgeboli@gmail.com
Artigo derivado da Tese de Doutorado de Nicole Medeiros Guimarães-Éboli, com orientação da Profa. Dra. Sônia Regina Pasian, defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

necessidades das crianças e adolescentes a serem adotados (Riede & Sartori, 2013; Teixeira et al., 2022).

Na realidade brasileira, pessoas que desejam adotar crianças necessitam solicitar sua habilitação formal para adoção junto ao Poder Judiciário. Tal processo envolve o encaminhamento destes pretendentes à equipe técnica do serviço, composta por psicólogos e assistentes sociais, que realizam avaliação dos mesmos, com vistas a subsidiar a decisão judicial quanto ao mencionado pedido. O foco avaliativo desses profissionais se dirige a condições e às motivações dos pretendentes à adoção, almejando identificar recursos pessoais e materiais de suporte ao processo, evitando seu insucesso e a devolução da criança ou adolescente ao sistema judiciário, especialmente durante o estágio de convivência (Alves, 2022; Riede & Sartori, 2013; Silva et al., 2020).

Na avaliação técnica sobre as características psíquicas e socioafetivas dos pretendentes à adoção, os psicólogos brasileiros necessitam seguir diretrizes apontadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990). De acordo com o ECA, pretendentes à adoção (e futuros pais adotivos) podem ser homens e mulheres, maiores de 18 anos de idade, não importando o seu estado civil, desde que sejam (no mínimo) 16 anos mais velhos do que o adotado e ofereçam um ambiente familiar adequado. Apenas não podem adotar os avós e irmãos do adotando.

O ECA define apenas um critério objetivo para identificar um ambiente familiar inadequado para adoção: presença de pessoas dependentes de álcool e de drogas ilícitas. Porém, a avaliação realizada pela equipe profissional da Vara da Infância e da Juventude considera outros aspectos que deem indícios de um ambiente salutar para a criança/adolescente, aspectos estes que não estão claramente pré-definidos nas diretrizes oficialmente regulamentadas (Albuquerque et al., 2021).

No geral, considera-se que, na constituição da possível nova família, é fundamental proporcionar para as crianças/adolescentes que já sofreram uma ruptura afetiva anterior, um ambiente acolhedor e favorecedor do estabelecimento de novos vínculos. A preocupação nesses casos é de inspecionar se os pretendentes à adoção podem vir a receber, de forma emocionalmente saudável, uma criança ou adolescente na condição de filho. Procura-se identificar e compreender os determinantes (conscientes e inconscientes) envolvidos em sua motivação para tornarem-se pais e mães adotivos, bem como avaliar se, por suas características pessoais, de personalidade e disposição pessoal, estariam dentro do considerado perfil esperado para o desempenho de tal papel (Machado et al., 2015; Santos, 2023).

Do outro lado dos processos da adoção encontram-se homens e mulheres que almejam exercer a paternidade e/ou a maternidade, a partir do acolhimento de crianças ou adolescentes que foram separados de seus familiares biológicos. De acordo com pesquisas brasileiras, existem

casos onde a motivação para adotar crianças se associa à impossibilidade de gerar filhos biológicos, embora não seja o único desencadeante desse processo (Morelli et al., 2015; Schwochow & Frizzo, 2021).

Sentimentos de culpa, inferioridade e baixa autoestima foram identificados em casais inférteis (Nascimento & Térzis, 2010), caracterizando evidências empíricas de que a infertilidade pode representar profunda ferida emocional para alguns indivíduos, prejudicando a vida conjugal. Sentimentos de esvaziamento, improdutividade, inutilidade e humilhação foram reportados também no estudo de Silva et al. (2020) com casais considerados inférteis. Destaca-se, portanto, que, apesar da multiplicidade de fatores associados à infertilidade, há consenso de seu impacto nas vivências psicológicas nos indivíduos e, eventualmente, na disposição interna para adoção de criança ou adolescente (Fernández-Sola et al., 2016).

Essa temática foi objeto de estudos por alguns pesquisadores, como Levinzon (2014) e Ramírez-Gálvez (2014). Apontaram possíveis aspectos inconscientes envolvidos na adoção motivada pela infertilidade, tais como o luto pelo filho biológico e a ocorrência da chamada “gestação simbólica”, advinda da espera pelo filho ou filha por adoção. Esse processo pode se tornar conflituoso no caso de reduzida elaboração dos sentimentos e fantasias inconscientes relacionados à infertilidade, podendo impactar negativamente a vinculação afetiva a ser desenvolvida junto ao filho por adoção. Wasinski (2015) reitera que um dos desafios fundamentais a serem alcançados por pretendentes à adoção, antes de concretizarem seu intento, é a aceitação da infertilidade (sua e/ou do parceiro), libertando-se do significado de família como apenas associado a laços consanguíneos.

Trata-se, portanto, de importante componente a ser compreendido pelos profissionais que lidam diretamente com a temática (Huber & Siqueira, 2010; Rampage et al., 2016), exigindo criterioso trabalho do psicólogo no Sistema Judiciário (Alves, 2022; Cavalcante et al., 2020). Sua atuação visa à garantia da qualidade deste tipo de avaliação psicológica num campo de elevada complexidade, pela multiplicidade e dinamismo de variáveis envolvidas (Albuquerque et al., 2021).

A partir do exposto, este trabalho almeja contribuir com o conhecimento científico que embasa a atuação dos psicólogos judiciários no campo da adoção de crianças e adolescentes. Focalizou-se a investigação em mulheres com diferentes experiências de exercício da maternidade, caracterizando indicadores de seu funcionamento psicológico. Procurou-se examinar a hipótese de que eventuais sinais de conflito psíquico estariam presentes em mulheres com diagnóstico de infertilidade que pretendiam adotar ou já haviam adotado crianças, comparando-as com indicadores do funcionamento psicológico em mães biológicas na realidade do Brasil (Guimarães-Éboli, 2017).

Método

O presente trabalho segue delineamento empírico, transversal, caracterizando-se como estudo descritivo-comparativo, a partir de instrumentos padronizados de avaliação psicológica, aplicados a diferentes grupos de mulheres. O referencial teórico adotado no estudo se pauta na concepção psicodinâmica de personalidade, na qual se consideram elementos inconscientes e seus derivados como componentes do comportamento e das ações humanas.

O estudo foi devidamente avaliado e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, cujo parecer está sob o n. 2.685.080 e pelas autoridades legais competentes do Sistema Judiciário local, seguindo-se os princípios éticos da Declaração de Helsinque em seu desenvolvimento. Trata-se de recorte de trabalho maior, desenvolvido por Guimarães-Éboli (2017).

Participantes

A amostra de conveniência foi composta por 60 mulheres, voluntárias, entre 30 e 50 anos de idade, com ensino médio ou superior, residentes em cidade de médio porte no interior do Estado de São Paulo, Brasil. Estavam em relacionamento conjugal estável (há pelo menos um ano) e foram distribuídas em três grupos numericamente equitativos, a saber:

- Grupo 1 (G1=pretendentes à adoção): 20 mulheres em situação de infertilidade primária (até o momento não conseguiram ter filho biológico, mesmo após um ano de tentativas para engravidar), que estavam judicialmente habilitadas como pretendentes à adoção pelo Sistema Judiciário.
- Grupo 2 (G2=mães adotivas): 20 mulheres em situação de infertilidade primária, que tinham ao menos um filho adotivo. Elas conviviam com este filho há pelo menos um ano (de modo a permitir a experiência concreta da maternidade adotiva), sendo que a idade do filho estava entre um e 12 anos de idade, ou seja, eram crianças.
- Grupo 3 (G3=mães biológicas – grupo de comparação): 20 mulheres sem problemas de infertilidade, com ao menos um filho biológico (que tivesse, na data da avaliação, entre um e 12 anos de idade). Em referido grupo foram incluídas apenas mulheres que não apresentaram, no momento da pesquisa, indicadores de transtornos de saúde mental, avaliadas por instrumento específico (SRQ-20).

Instrumentos

Diante dos objetivos propostos para o presente estudo foram utilizados instrumentos para avaliação psicológica das voluntárias, incluindo estratégias de autorrelato e métodos projetivos voltados à área da personalidade.

Neste trabalho são destacados os achados identificados específicos relativos ao Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), utilizado para avaliar indicadores relativos à saúde mental (Santos et al., 2009) e ao Método de Rorschach (Escola de Paris). Este método projetivo de avaliação psicológica permite a avaliação de características estruturais e funcionais da personalidade (Pasian, 2000). No presente trabalho optou-se pelo referencial técnico-científico de Rausch de Trautenberg (1998), tratando-se de uma perspectiva psicodinâmica para análise das suas variáveis.

Procedimento

A coleta de dados se deu individualmente, em sessão única, em locais com a devida privacidade e silêncio, sendo os instrumentos aplicados e avaliados conforme seus respectivos manuais técnicos.

Análise de dados

Os resultados foram organizados em planilhas, compondo banco de dados, submetidos a análises descritivas (tendência central e variabilidade), com posterior análise comparativa dos grupos. Nas variáveis em que foi detectada distribuição normal dos dados, utilizou-se ANOVA na comparação entre os grupos, enquanto nas demais foi usado o teste de Kruskal-Wallis. Na análise inferencial de variáveis nominais ou categóricas utilizou-se Qui-quadrado na comparação entre os grupos. Adotou-se o nível de significância de 5% nas análises estatísticas efetivadas.

Resultados

O SRQ-20 serviu, na presente pesquisa, ao propósito de caracterizar a amostra estudada em termos de indicadores de saúde mental, bem como critério de seleção das integrantes do grupo de comparação (G3). Para compor o G3 as mulheres não poderiam atingir a nota de corte no SRQ-20 (pontuação maior que sete, conforme Santos et al., 2009).

A comparação estatística entre os grupos estudados no que se refere à presença de indicadores psicopatológicos, conforme avaliação pelo SRQ-20, não evidenciou diferenças significativas. Desse modo, os três grupos retrataram mulheres sem queixas e sinais de dificuldades psicológicas (sintomas não psicóticos), bem como homogeneidade quanto a este quesito entre os grupos avaliados.

No que se refere à avaliação das participantes a partir do Método de Rorschach (Escola de Paris), os principais resultados constam na Tabela 1.

No tocante a número total de respostas, respostas adicionais, recusas e denegações emitidas diante do Rorschach, bem como em relação ao tempo de reação médio, tanto as pretendentes à adoção (G1), como as mães adotivas (G2) e biológicas (G3) apresentaram padrões similares de resposta. Entretanto, foi possível

verificar que as pretendentes à adoção (G1) apresentaram tempo médio de latência significativamente mais elevado que as demais. Ou seja, este grupo de mulheres levou mais tempo, em média, para processar internamente as

instruções da técnica, bem como para absorver o impacto afetivo diante do instrumento antes de emitir uma resposta ao Rorschach, quando comparada aos demais grupos avaliados.

Tabela 1

Resultados Descritivos e Comparação Estatística das Variáveis do Rorschach entre Grupos de Mulheres (n=60)

Variáveis Rorschach	Dados	Grupo 1 (n=20)	Grupo 2 (n=20)	Grupo 3 (n=20)	Comparação estatística	
					Estatística	p
R (número respostas)	Média	22,4	17,5	21,4	4,870*	0,080
	DP	9,5	5,7	6,9		
RA (respostas adicionais)	Média	0,3	0,5	0,2	2,300*	0,304
	DP	0,6	0,7	0,5		
Recusa	Média	0,1	0,3	0,1	4,980*	0,083
	DP	0,4	0,4	0,3		
Denegação	Média	-	0,1	0,1	1,050*	0,589
	DP	0,2	0,3	0,4		
TLm (tempo médio de latência)	Média	23,1	14,7	16,4	7,905**	0,001
	DP	8,2	5,8	6,8		
TRm (tempo médio de resposta)	Média	49,3	51,4	45,1	0,666**	0,518
	DP	19,1	14,2	18,6		
G% (respostas globais)	Média	35,4	42,6	25,9	1,471*	0,479
	DP	15,1	20,9	23,3		
D% (grande detalhe)	Média	38,8	38,4	35,3	0,295**	0,746
	DP	13,2	15,1	19,2		
Dd% (pequeno detalhe)	Média	24,6	18,4	27,7	4,980*	0,083
	DP	12,8	11,7	15,1		
Dbl% (detalhe branco)	Média	1,2	0,4	-	6,128*	0,047
	DP	2,3	1,4	-		
F% (respostas forma)	Média	25,5	27,5	26,0	0,929*	0,629
	DP	16,8	12,7	12,6		
F+% (forma bem vista)	Média	73,2	66,3	75,7	0,100*	0,905
	DP	29,2	29,9	20,1		
F+extenso% (respostas bem vistas)	Média	74,6	72,8	72,9	0,170**	0,844
	DP	11,0	11,4	10,5		
K (movimento humano)	Média	2,4	2,1	1,9	0,104*	0,604
	DP	1,9	1,3	1,2		
kan (movimento animal)	Média	3,7	3,0	3,0	0,564*	0,754
	DP	2,8	1,7	1,8		
kob (movimento objeto)	Média	0,2	0,1	0,2	0,600*	0,741
	DP	0,3	0,3	0,5		
kp (movimento parcial humano)	Média	0,1	0,1	0,3	2,464*	0,292
	DP	0,3	0,3	0,5		
FC (resposta forma-cor)	Média	3,0	2,3	3,2	1,401*	0,496
	DP	2,2	1,3	1,9		
CF (resposta cor-forma)	Média	1,7	1,0	1,9	2,824*	0,444
	DP	1,2	1,0	1,9		
C (resposta cor)	Média	0,5	0,2	0,1	1,305*	0,321
	DP	0,2	0,5	0,3		
FE (resposta forma-sombreado)	Média	3,1	2,3	2,8	0,747*	0,478
	DP	1,9	2,1	1,7		

Tabela 1 (continuação)

Resultados Descritivos e Comparação Estatística das Variáveis do Rorschach entre Grupos de Mulheres (n=60)

Variáveis Rorschach	Dados	Grupo 1 (n=20)	Grupo 2 (n=20)	Grupo 3 (n=20)	Comparação estatística	
					Estatística	p
EF (resposta sombreado-forma)	Média	1,9	1,5	1,7	1,779*	0,411
	DP	1,9	0,8	1,4		
E (resposta sombreado)	Média	0,5	-	-	2,000*	0,368
	DP	0,2	-	-		
FClob (resposta forma-sombreado disfórico)	Média	0,2	-	0,2	4,532*	0,104
	DP	0,4	-	0,5		
ClobF (resposta sombreado disfórico-forma)	Média	-	-	0,1	4,069*	0,131
	DP	-	-	0,3		
A (animal inteiro)	Média	7,6	6,8	7,4	0,381**	0,827
	DP	4,1	2,7	3,6		
(A) (animal inteiro desvitalizado)	Média	0,9	0,9	1,6	4,048*	0,132
	DP	0,8	1,0	1,5		
Ad (parte de animal)	Média	1,0	1,1	1,5	0,537*	0,765
	DP	0,8	1,1	1,6		
(Ad) (parte de animal desvitalizado)	Média	0,3	0,5	0,2	3,540*	0,170
	DP	0,5	0,2	0,4		
A% (porcentagem de animais)	Média	44,1	52,2	50,9	4,589*	0,101
	DP	12,1	10,7	9,8		
H (ser humano inteiro)	Média	2,2	2,0	1,8	0,977*	0,614
	DP	1,5	1,1	2,3		
(H) (ser humano inteiro e desvitalizado)	Média	0,9	0,9	1,1	2,237*	0,327
	DP	1,7	0,8	1,0		
Hd (parte de humano)	Média	1,0	0,8	1,3	0,716*	0,699
	DP	1,1	0,9	1,0		
(Hd) (parte de humano desvitalizado)	Média	0,5	0,5	0,2	4,335*	0,114
	DP	0,8	0,2	0,5		
H% (porcentagem de humanos)	Média	20,3	22,1	21,2	0,223**	0,801
	DP	7,7	9,9	7,8		
Ban% (porcentagem de banalidades)	Média	24,5	28,6	23,8	3,682*	0,159
	DP	8,0	7,1	8,1		
Reatividade afetiva (terceira fórmula afetiva)	Média	30,6	29,3	31,7	0,481**	0,621
	DP	8,9	8,3	6,1		
Fórmula da Angústia (porcentagem sinais angústia)	Média	18,6	14,7	17,5	1,175*	0,556
	DP	12,2	8,9	11,3		

Nota. *Teste Kruskal-Wallis; **ANOVA, DP=desvio-padrão

A partir dos indicadores de localização (G, D, Dd, Dbl) das respostas ao Rorschach (representantes da forma de captação da realidade pelos indivíduos), observou-se que as participantes deste estudo apresentaram modo de apreensão dos estímulos predominantemente vinculado aos detalhes relevantes (respostas D) e às minúcias (respostas Dd). Sua captação pareceu menos marcada por uma perspectiva generalista (resposta G) da realidade, quando comparadas ao seu grupo de referência.

Os detalhes brancos (Dbl) chamaram significativamente mais a atenção do grupo das pretendentes à adoção

(G1), quando comparadas às mães biológicas (G3). As mulheres de G1 apresentaram maiores índices que a média populacional de referência nesta variável Dbl. Apesar da baixa frequência de ocorrência deste modo de apreensão diante do total de respostas, estas diferenças podem representar um marcador específico para estas mulheres, atentando-se para o seu significado psicodinâmico ligado à angústia e ao temor diante do vazio, com tendência à oposição.

A comparação dos resultados médios dos grupos nos determinantes formais do Rorschach apontou inexistirem

diferenças estatisticamente significativas. Assim, observou-se que as participantes do estudo, em sua totalidade, assim como seu grupo de referência, utilizaram os contornos formais dos estímulos para responder ao instrumento em cerca de um terço das respostas emitidas. Em relação à qualidade formal das respostas, pode-se dizer que o total de mulheres participantes desta pesquisa apresentaram suficientes recursos lógicos e de raciocínio para se adaptarem ao meio em que vivem, denotando eficiente teste da realidade e boa precisão perceptiva.

No tocante a determinantes cinestésicos das respostas ao Rorschach (K, kan, kob, kp), para além da similaridade entre os grupos, o que se pode depreender das análises relacionadas às respostas-movimento destas mulheres, é que houve predomínio de pequenas cinestésias (sobretudo movimento animal) sobre as grandes cinestésias (movimento humano), o que também se equipara ao padrão de referência. Referido indicador aponta para características de espontaneidade da vida psíquica e imaginativa destas mulheres, em detrimento da elaboração reflexiva sobre os impulsos, que também está presente, porém em menor intensidade.

A análise comparativa dos dados médios referentes aos determinantes cromáticos no Rorschach apontou para ausência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Observou-se que as participantes apresentaram boas habilidades em coordenar racionalmente os afetos, com predomínio do uso da cor associada à positiva qualidade formal na maioria das respostas. Referidas características colaboram, assim, para caracterizar estas mulheres como possuidoras de suficientes recursos adaptativos internos, independentemente de terem ou não filhos biológicos ou adotivos. Essa interpretação ganha força quando comparamos os resultados médios destes grupos de voluntárias com os apresentados pelo referencial normativo (Pasian, 2000), reforçando a noção de bons recursos adaptativos para controle da impulsividade por meio da razão. Notou-se baixa incidência desse tipo de determinantes entre as respostas das participantes (sem diferenças significativas entre os grupos), nomeadamente nas categorias E, FClob, ClobF, reforçando o dado de reduzidos indicadores de ansiedade no funcionamento psíquico das mulheres avaliadas.

Em termos dos conteúdos das interpretações das participantes diante do Rorschach, também não houve diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Os conteúdos animais predominaram nas respostas das participantes, em detrimento dos conteúdos humanos, indicadores que corroboram achados anteriormente mencionados, apontando para sinais de alguma imaturidade e projeção de conteúdos mais primitivos da personalidade, bem como percepção mais intuitiva e menos elaborada da realidade.

A análise comparativa da frequência de respostas banais (Ban) no Rorschach também sinalizou homogeneidade dos grupos, sendo observado um perfil próximo

a seu padrão de referência (Pasian, 2000). Desse modo, é possível dizer que pretendentes à adoção (G1), mães adotivas (G2) e mães biológicas (G3) denotaram, em proporções similares, possibilidade de compartilhamento perceptivo acerca dos elementos da realidade, indicadores relacionados, do ponto de vista psicodinâmico, a adequado teste de realidade, independentemente de sua condição frente à maternidade.

Também nos indicadores relativos à reatividade emocional (Terceira Fórmula do Rorschach) não houve diferenças estatisticamente significativas. A maioria das mulheres, em cada um dos três grupos, apresentou perfil classificado como tipo introversivo ou ambigüal, com poucos casos classificados como extratensivos em termos de tipos de reatividade emocional.

Pode-se inferir que as mulheres presentemente avaliadas, independentemente de sua condição frente à maternidade, apresentaram indicadores de reatividade emocional semelhante, com maior tendência a refletir e raciocinar antes de reagir aos estímulos (estilo introversivo), embora parte delas demonstre flexibilidade em sua forma de reagir ao ambiente (estilo ambigüal). Por outro lado, houve algumas participantes que mostraram tendência a reagir de maneira mais direta diante das emoções e estímulos ambientais (estilo extratensivo).

O valor médio assumido pela Fórmula da Angústia nos três grupos de mulheres superou o valor teto de 12,0%, sugerindo sinal importante de vivência de ansiedade (sem diferenças significativas entre as mesmas). Apesar desses indicadores, os resultados foram próximos ao padrão normativo geral desta variável no Brasil (15,0%, conforme Pasian, 2000). Tem-se, assim, que os sinais de angústia detectados não comprometem a capacidade geral de adaptação à realidade das mulheres avaliadas.

Com relação ao Tipo de Ressonância Íntima (TRI), mediante sua avaliação pelo Rorschach, notou-se que a frequência dos diferentes Tipos foi bastante semelhante entre os grupos, sem diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2=0,454, p=0,490$). O tipo mais frequente foi o Extratensivo, englobando 58,3% das mulheres avaliadas, ou seja, mais da metade das mesmas. Especificamente, o TRI Extratensivo dilatado foi o mais comum, mostrando que a maioria das mulheres avaliadas apresentou tendência habitual a expressar sua afetividade de forma direta no ambiente, vivenciando satisfação nas experiências de contato com o mundo exterior.

O tipo Introversivo ocorreu em 23,4% das participantes, predominando nesse subgrupo a modalidade dilatada. Assim, pouco menos de um quarto das participantes sinalizou vivenciar suas emoções habitualmente de forma mais reflexiva e interiorizada, embora com possibilidade de exteriorização (pela dilatação do estilo de vivência) dos sentimentos e contato com o mundo exterior.

Uma parcela menor das participantes apresentou o estilo coartativo de vivenciar os afetos. Assim, aproximadamente 10,0% das voluntárias demonstraram reagir

ao Rorschach e, por conseguinte, aos estímulos da realidade (conforme fundamentação teórica do instrumento), de maneira restritiva e com poucas manifestações afetivas, sugerindo estilo evitativo de contato. Por fim, pequeno grupo de participantes apresentou estilo afetivo do tipo Ambigüal. Desse modo, poucas mulheres (8,3%) apresentaram tendência habitual a expressar seus sentimentos e afetos no ambiente em igual proporção a um modo mais reflexivo e introspectivo para lidar com emoções.

Discussão

Diversos autores convergiram em afirmar sobre perdas afetivas e sofrimento emocional em mulheres vivenciando o limite em exercer a maternidade pela existência da infertilidade. Numa perspectiva psicanalítica, Lins et al. (2014) versaram sobre abalos na estrutura narcísica da personalidade das mulheres atingidas pela infertilidade, bem como sobre a mesma sendo vista como obstáculo ao acesso à feminilidade, que seria viabilizado por meio da maternidade. Maux e Dutra (2009) ponderaram sobre os sentimentos de incompletude e frustração relacionados à impossibilidade de ter filhos como fatores complicadores das relações sociais e também da autoimagem de pessoas inférteis.

A partir de diversos estudos realizados por pesquisadores na área (Levinzon, 2014; Ramírez-Gálvez, 2014; Schwochow & Frizzo, 2021), a infertilidade, no caso específico das adoções de crianças, tem sido retratada como potencial elemento complicador no vínculo entre pais e filhos adotivos. Estes trabalhos apontavam, portanto, para possíveis prejuízos adaptativos relacionados à vivência da infertilidade, o que a colocaria como elemento relevante na avaliação de pretendentes à adoção, considerando-se ser esta uma das principais motivações pela busca desta via de maternidade (Morelli et al., 2015).

Nesse âmbito, reitera-se que a saúde mental dos indivíduos interessados em efetivar uma adoção constitui elemento relevante no processo de análise dos candidatos pela equipe técnica do Sistema Judiciário, visto que interfere diretamente no relacionamento conjugal e familiar, podendo expor futuros filhos adotivos a fatores de risco para o desenvolvimento, como aponta a literatura científica da área (Alves, 2022; Cunha et al., 2008; Pemberton et al., 2010; Roisko et al., 2011; Schwochow & Frizzo, 2021). Diante dessas evidências empíricas, portanto, observa-se que, nos processos de análise de pretendentes à adoção, a avaliação sistemática de indicadores de sua saúde mental é medida fundamental, de modo a oferecer suporte psicossocial para o desenvolvimento infantil (Alves, 2022; Santos, 2023).

No presente trabalho, de modo diverso ao retratado pela literatura, foi possível identificar que todos os casos de G1 e G2 (mulheres que compartilhavam a vivência da infertilidade, bem como a busca pela maternidade pela

via judicial da adoção), mostraram indicadores positivos de preservado nível de saúde mental. Tais achados permitem reafirmar a relevância do trabalho de triagem realizado pelo psicólogo judiciário nos fóruns onde estavam cadastradas no Brasil.

Adentrando à temática da personalidade das mulheres avaliadas, com base na literatura científica identificada na área, neste estudo inicialmente levantou-se a hipótese de efeito negativo da infertilidade e/ou da ausência de filhos sobre o funcionamento da personalidade neste grupo de participantes. Especificamente sobre os principais indicadores do Método de Rorschach, uma primeira hipótese era a de que mulheres inférteis e candidatas à adoção (G1) sinalizariam mais indicadores de angústia no Rorschach [maior uso do detalhe branco (Db1) nas localizações das respostas; maior proporção de determinantes do tipo sombreado e com disforia; maior frequência de conteúdos Anat, Sex, Hd, (Hd), Elem Fog, Frag] em suas respostas. Esses indicadores destacados seriam mais frequentes em G1 do que em G2 e, por sua vez, menores em G3.

No que se refere a esta complexa hipótese, foi confirmado apenas o maior uso do detalhe branco nas localizações das respostas ao Rorschach nas mulheres pretendentes à adoção (G1) em relação às mães biológicas (G3). Não se confirmaram as expectativas sobre as demais variáveis deste método projetivo, de modo que os três grupos mostraram-se praticamente homogêneos entre si, com poucas diferenças entre os mesmos. Depreende-se, portanto, funcionamento da personalidade compatível com o que é considerado frequente e comum na população geral, em todos os grupos, independentemente de sua condição frente à maternidade.

Diante do conjunto dos resultados encontrados, a partir dos métodos utilizados de avaliação psicológica, vivência de infertilidade e ausência de filhos não evidenciaram, neste grupo de mulheres, marcas significativas na personalidade que pudessem diferenciar as pretendentes à adoção das demais participantes que já eram mães (por adoção ou biológicas). Além disso, mães por adoção e biológicas apresentaram, no presente estudo, funcionamento psicodinâmico adaptativo, inexistindo marcas afetivas relevantes que permitissem diferenciar os grupos de mulheres, em relação às diferentes vivências de maternidade.

O histórico de vivência de infertilidade (G1 e G2) e da ausência de filhos (G1) estariam potencialmente relacionados, de acordo com a literatura científica consultada, tanto no âmbito do Brasil (Ghirardi, 2008; Nascimento & Térzis, 2010; Ramírez-Gálvez, 2014), como internacional (Bejenaru & Roth, 2012; Chen & Landau, 2015; Fernández-Sola et al., 2016; Fonseca, 2016), a sofrimento emocional e prejuízos no funcionamento da personalidade. Entretanto, as atuais participantes parecem já ter alcançado nível suficiente e satisfatório de elaboração interna destas perdas, a ponto desses sinais não serem

detectáveis pelos instrumentos utilizados. Importante destacar que G1 e G2 foram formados por mulheres que, por estarem em processos judiciais de adoção de crianças, já foram submetidas, em diversos momentos, a avaliações psicológicas por peritos do Poder Judiciário, sendo consideradas aptas a adotarem crianças.

Tal fato pode ter contribuído para a constatação de funcionamento psicodinâmico sem marcas específicas de angústia associada à infertilidade. Ou seja, estas mulheres já estavam lidando com as questões da ausência de filhos e da impossibilidade de conceber uma criança há alguns anos e, no momento, ao menos parte destas perdas já poderiam estar minimamente elaboradas. Além disso, a exigência de boas condições de saúde mental e suficiente elaboração da infertilidade como pré-requisito comum em avaliações psicológicas para a inserção no cadastro de pretendentes à adoção no Sistema de Justiça, exerceram provável influência sobre os resultados ora encontrados no contexto regional pesquisado.

Os atuais achados reiteram, portanto, empiricamente, a qualidade das avaliações técnicas realizadas pelos psicólogos do Sistema Judiciário, envolvendo estas pretendentes à adoção. Estes resultados, em parte, confirmam a literatura científica da área ao apontar indicadores de preservação da saúde mental geral, que seriam esperados nestas mulheres avaliadas, em se tratando de pretendentes à adoção ou mesmo mães adotivas já constituídas (Pemberton et al., 2010; Roisko et al., 2011; Wasinski, 2015).

Faz-se importante pontuar que, tanto em relação à infertilidade como em relação à maternidade pela via da adoção, pairam estigmas sociais diversos, que podem, inclusive, materializar-se no discurso científico em torno do tema. Assim, se por um lado a impossibilidade de gerar filhos se relaciona, no discurso dominante e na percepção de muitas pessoas que a vivenciam, a perdas, incapacidade, redução na autoestima e sofrimento emocional (Cunha et al., 2008; Fonseca, 2016), a maternidade pela via da adoção é referida, muitas vezes, como uma forma substitutiva e incompleta de satisfação do desejo de ter filhos, além de se mostrar associada, no imaginário e nas expectativas sociais, e até no discurso científico, a possíveis transtornos emocionais dos filhos (Chaves, 2002; Guimarães-Éboli et al., 2015).

Diante destas noções, os achados empíricos apresentados são relevantes na medida em que fragilizam os estigmas sociais acima destacados. Não foi verificado suporte científico para argumentos que apontem para prejuízos emocionais ou dificuldades adaptativas envolvendo mulheres inférteis e/ou mães por adoção.

Há que se considerar, no entanto, os limites amostrais deste trabalho, bem como da circunscrição regional e momento histórico onde foram coletadas as informações. As variáveis em foco na avaliação projetiva permitida pelo Método de Rorschach abordam uma perspectiva psicodinâmica de personalidade, buscando informações

adicionais ao comportamento manifesto das mulheres, o que nem sempre é valorizado em processos de avaliação psicológica, porém, aqui argumentado (e empiricamente evidenciado), como relevante na prática profissional em contextos da Justiça no Brasil.

Em suma, a partir dos objetivos propostos, pondera-se que foi possível obter panorama descritivo e comparativo das características de personalidade de mulheres inférteis, envolvidas em processos de adoção de crianças (em fila de espera ou com adoção efetivada), em relação a mães biológicas. Espera-se, com este trabalho, estimular novas pesquisas científicas dentro desta temática, sobretudo com delineamentos longitudinais, bem como focalizar momentos distintos da vida destas mulheres que desejam o exercício da maternidade e encontram obstáculos frente a este objetivo.

Cabe ainda ponderar sobre as dificuldades para comparar os atuais resultados com outros estudos científicos na área. Há escassez de pesquisas voltadas, especificamente, para o exame de características de personalidade de mulheres envolvidas na adoção de crianças, sobretudo mediante a utilização de métodos padronizados de avaliação psicológica. Desse modo, o diálogo entre os achados da presente investigação com a literatura científica disponível foi limitado, tendendo a circunscrevê-los e interpretá-los a partir de suas respectivas premissas teórico-técnicas.

Outro elemento que pode ser apontado como limite do trabalho é seu delineamento transversal, que possibilitou apenas uma avaliação pontual destas mulheres. Sendo assim, não foi possível verificar, por exemplo, prováveis diferenças na avaliação psicológica das mulheres, ora pretendentes à adoção, após se tornarem mães adotivas. É possível conjecturar que a vivência concreta da maternidade adotiva possa suscitar modificações no funcionamento psicodinâmico destas mulheres, algo que somente seria possível avaliar em um estudo longitudinal, com avaliações repetidas em momentos diferentes de vida destas mesmas mulheres.

Diante destes argumentos, novas pesquisas científicas dentro desta temática se fazem necessárias, sobretudo com delineamentos longitudinais, bem como focalizando momentos distintos da vida destas mulheres que desejam ser mães e encontram obstáculos frente a este objetivo. Fica reforçada, ainda, a relevância de serem realizados estudos com enfoque clínico, que possibilitariam aprofundamento nas temáticas afetivas ligadas à infertilidade e à vivência da maternidade.

Agradecimentos

A todas as participantes do estudo.

Financiamento

A presente pesquisa não recebeu nenhuma fonte de financiamento sendo custeada com recursos dos próprios autores.

Contribuições dos autores

Declaramos que todos os autores participaram da elaboração do manuscrito.

Disponibilidade de dados e materiais

Todos os dados e sintaxes gerados e analisados durante esta pesquisa serão tratados com total sigilo devido às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com

Seres Humanos. Porém, o conjunto de dados e sintaxes que apoiam as conclusões deste artigo estão disponíveis mediante razoável solicitação ao autor principal do estudo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesses.

Referências

- Albuquerque, L. A. F. P., Leal, N. S. B., & Alberto, M. F. P. (2021). Atribuições dos Profissionais de Psicologia na Política de Adoção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(1), 175-195. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59379>
- Alves, V. O. (2022). A Importância da Avaliação Psicológica no Processo de Adoção de Crianças e Adolescentes. *Revista Enfermagem e Saúde Coletiva*, 7(1) 72-79, 2022. <http://revesc.esy.es/index.php/revesc/article/view/116>
- Bejenaru, A., & Roth, M. (2012). Romanian Adoptive Families: Stressors, Coping Strategies and resources. *Children and Youth Services Review*, 34(7), 1317-1324. doi:10.1016/j.chilgyouth.2012.03.011
- BRASIL, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos (1990). *Lei 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do adolescente e dá outras providências*. Presidência da República, Brasília. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Cavalcante, A. D. C., Almeida Neto, J. T., & Lopes, A. P. (2020). Psicólogo Jurídico nos Processos de Adoção que Tramitam na Vara da Infância e Juventude. *Caderno de Graduação – Ciências Humanas e Sociais – UNIT – ALAGOAS*, 6(1), 93-110.
- Chaves, V. P. (2002). *A Interação Mãe-criança em Famílias Adotivas: Um Estudo Comparativo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3049>
- Chen, W., & Landau, R. (2015). First Childbirth and Motherhood at Post Natural Fertile Age: A Persistent and Intergenerational Experience of Personal and Social Anomaly? *Social Work in Health Care*, 54(1), 16-32. doi:10.1080/00981389.2014.966880
- Cunha, M. C. V., Carvalho, J. A., Albuquerque, R. M., Ludermir, A. B., & Novaes, M. (2008). Infertilidade: Associação com Transtornos Mentais Comuns e a Importância do Apoio Social. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 30(3), 201-210. doi:10.1590/S0101-81082008000400009
- Fernández-Sola, C., Martínez-Caba, M. I., Hernández-Padilla, J. M., Carmona-Samper, E., & Granero-Molina, J. (2016). Experiences of Spanish Women Undergoing Hysterosalpingography as Part of the Infertility Process: A Phenomenological Study. *Journal of Clinical Nursing*, 25(3-4), 494-504. doi:10.1111/jocn.13077
- Fonseca, G. M. T. (2016). *Psicopatologia e Infertilidade*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga], Instituto Miguel Torga, Coimbra, Portugal. <https://repositorio.ismt.pt/server/api/core/bitstreams/259ab10d-e528-42ae-9a7b-7f99101a29b4/content>
- Ghirardi, M. L. A. M. (2008). A Presença da Infertilidade no Contexto da Adoção: Efeitos Possíveis na Relação Pais/Filhos Adotivos. Em R. M. Volich, F. C. Ferraz, & W. Ranña (Org.), *Psicossoma IV: Corpo, História, Pensamento* (pp. 151-164). Casa do Psicólogo: São Paulo.
- Guimarães-Éboli, N. M. (2017). *Maternidade Adotiva e Infertilidade: Contribuições da Avaliação Psicológica*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo], Universidade de São Paulo. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-18092017-092842/pt-br.php>
- Guimarães-Éboli, N. M., Santos, P. L., Carvalho, A. M. P., & Pasian, S. R. (2015). Parentalidade Adotiva e Psicopatologia Infantil: Uma Revisão de Literatura. *Revista da SPAGESP*, 16(1), 122-134. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v16n1/v16n1a10.pdf>
- Huber, M. Z., & Siqueira, A. C. (2010). Pais por Adoção: A Adoção na Perspectiva dos Casais em Fila de Espera. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2), 200-216. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v12n2/v12n2a14.pdf>
- Levinzon, G. K. (2014). *Tornando-se Pais: A Adoção em Todos os seus Passos*. Casa do Psicólogo: São Paulo.
- Lins, P. G. A., Patti, E. A. M. R., Peron, A. C., & Barbieri, V. (2014). O Sentido da Maternidade e da Infertilidade: Um Discurso Singular. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31(3), 387-392. doi:10.1590/0103-166x2014000300007
- Machado, L. V., Ferreira, R. R., & Seron, P. C. (2015). Adoção de Crianças Maiores: Sobre Aspectos Legais e Construção do Vínculo Afetivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 6(1), 65-81. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072015000100006
- Maux, A. A. B., & Dutra, E. (2009). Do Útero à Adoção: A Experiência de Mulheres Férteis que Adotaram uma Criança. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 14(2), 113-121. doi:10.1590/S1413-294X2009000200004
- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T. V. (2015). O “Lugar” do Filho Adotivo na Dinâmica Parental: Revisão Integrativa da Literatura. *Psicologia Clínica*, 27(1), 175-194. doi:10.1590/0103-56652015000100010
- Nascimento, F. R. M., & Têrziis, A. (2010). Adiamento do Projeto Parental: Um Estudo Psicanalítico com Casais que Enfrentam a Esterilidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 103-124. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n1/v16n1a08.pdf>
- Pasian, S. R. (2000). *O Psicodiagnóstico de Rorschach em Adultos: Atlas, Normas e Reflexões*. Casa do Psicólogo: São Paulo.
- Pemberton, C. K., Neiderhiser, J. M., Leve, L. D., Natsuaki, M. N., Shaw, D. S., Reiss, D., & Ge, X. (2010). Influence of Parental Depressive Symptoms on Adopted Toddler Behaviors: An Emerging Developmental Cascade of Genetic and Environmental Effects. *Development and Psychopathology*, 22(4), 803-818. doi:10.1017/S0954579410000477
- Ramírez-Gálvez, M. (2014). L'Adoption d'Enfants et le Recours à la Reproduction Assistée: Interconnexions et Déplacements. *Enfances Familles Générations*, 21(1), 96-117. <https://journals.openedition.org/efg/696>
- Rampage, C., Eovaldi, M., Ma, C., Foy, C. W., Samuels, G. M., & Bloom, L. (2016). Famílias adotivas. Em F. Walsh, *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade* (4a ed., pp. 222-248). Artmed: Porto Alegre.

- Rausch de Traubenberg, N. (1998). *A Prática do Rorschach* (A. J. Lelé, Trad.). Vetor: São Paulo.
- Riede, J. E., & Sartori, G. L. Z. (2013). Adoção e os Fatores de Risco: Do Afeto à Devolução das Crianças e Adolescentes. *Perspectiva*, 37(138), 143-154. https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/138_354.pdf
- Roisko, R., Wahlberg, K.-E., Hakko, H., Wynne, L., & Tienari, P. (2011). Communication Deviance in Parents of Families with Adoptees at a High or Low Risk of Schizophrenia Spectrum Disorders and its Associations with Attributes of the Adoptee and the Adoptive Parents. *Psychiatry Research*, 185(1-2), 66-71. doi:10.1016/j.psychres.2010.04.018
- Santos, A. P. H. (2023). *Saúde Mental, Ajustamento Conjugal, Percepção de Suporte Familiar e suas Associações com o Desenvolvimento de Crianças no Pós-adoção*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul], Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/274599>
- Santos, K. O. B., Araújo, T. M., & Oliveira, N. F. (2009). Estrutura Fatorial e Consistência Interna do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) em População Urbana. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(1), 214-222. doi:10.1590/S0102-311X2009000100023
- Schwochow, M. S., & Frizzo, G. B. (2021). Mulheres em Espera pela Adoção: Sentimentos Apresentados nas Diferentes Etapas Deste Processo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(spe3), e201165. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003201165>
- Silva, P. S., Schwowchow, M. S., Resmini, G. F., & Frizzo, G. B. (2020). Critérios para Habilitação à Adoção Segundo Técnicos Judiciários. *Psico-USF*, 25(4), 603-612. doi:10.1590/1413/82712020250401
- Teixeira, V. V. S., Dias, G. B., Liebenritt, A. M., & Pedroso, J. S. (2022). Personalidade Materna e Desenvolvimento Infantil no Brasil: Revisão Sistemática. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 30(1). <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mu.v30n1p63-69>
- Wasinski, A. (2015). The Experience of Adoption in a Biographical Narration of Adoptive Parents. *Archives of Psychiatry and Psychotherapy*, 17(1), 59-67. doi:10.12740/APP/35028

recebido em abril de 2024
aprovado em setembro de 2024

Sobre as autoras

Nicole Medeiros Guimarães é Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia pela FFCLRP-USP, bacharel em Direito e pós graduanda em Direito Civil e Processo Civil pela UNAERP. Atua como psicóloga judiciária junto ao Tribunal de Justiça de São Paulo desde 2007.

Sonia Regina Pasian é Psicóloga, mestre em Filosofia (UFSCar), doutora em Saúde Mental (USP), Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP.

Como citar este artigo

Guimarães, N. M., & Pasian, S. R. (2023). Adoção e infertilidade em mulheres do Brasil: Contribuições da avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 22(4), 395-404. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2023.2204.25298.09>